

A ARTE HUMANA NO TEATRO DE DEUS (2)

Hermisten Maia Pereira da COSTA*

RESUMO: Partindo do princípio de que não há neutralidade em qualquer avaliação, nesses dois artigos Costa descreve a Criação, queda e redenção do homem, analisando como a arte - reflexo da imagem de Deus estampada no ser humano -, está presente em todas as culturas. Apresenta alguns elementos que caracterizam a chamada arte cristã e a necessidade de avaliá-la biblicamente. Entende que o padrão absoluto de beleza, do qual temos reflexos, está em Deus, que nos concede as Escrituras como parâmetro avaliativo. Somente um cristão poderá apresentar uma arte consistente com a amplitude da realidade revelada.

PALAVRAS-CHAVE: Arte, Cosmvisão, Criação, Revelação geral, cultura.

* Rev. Hermisten M.P. Costa integra a Equipe de pastores da Primeira Igreja Presbiteriana do Brasil em São Bernardo do Campo, SP; Email: hermisten.costa@mackenzie.br

INTRODUÇÃO

Podemos definir arte como uma expressão intelectual – consciente ou não – subjetiva e sensível de nossa cosmovisão. Intelectual, porque é própria do homem como ser pensante. Subjetiva porque é pessoal. Sensível porque não existe arte secreta e, também, porque a arte precisa ser “manufaturada” para se tornar perceptível. Ela necessita ser experimentada. O próprio Deus Trino, antes de criar o homem, compartilha consigo mesmo a respeito deste grandioso empreendimento (Gn 1.27).

O nosso padrão de beleza será sempre limitado e subjetivo ainda que cada aspecto da Criação tenha a sua beleza própria decorrente de sua natureza e propósito. A nossa inspiração ao belo, independentemente de condicionantes culturais, sociais, ideológicos e pessoais, tem dois condicionantes ontológicos: somos criaturas e como tais, estamos sujeitos a um delimitador existencial pelo fato de todo o nosso conhecimento ser mediado, parcial, e suscetível a

ruídos e desvirtuamentos tanto na percepção quanto na comunicação.

Outro ponto, mais significativo, é que, com a Queda, nos tornamos essencialmente pecadores, perdemos a nossa sensibilidade espiritual e, como vimos, todo o nosso ser foi afetado pelo pecado, nada ficou imune a esta depravação. Além disso, o que nos inspira, a Criação em todas as suas manifestações, tem também a mancha do pecado. (Veja-se: KUYPER, 2018, p. 137ss). Assim sendo, como já dissemos, a Beleza absoluta está em Deus. O usufruir da beleza e do senso de beleza, são dons da graça comum de Deus. A Arte com “A” maiúsculo pertence somente a ele, em quem temos de forma plena e perfeita o Belo e o padrão absoluto de Beleza. Somente Deus pode, de forma absoluta, dizer que a sua obra é boa e perfeita dentro dos objetivos por ele, santa e sabiamente, estabelecidos (Gn 1.31). A proximidade de Deus, aquele que é belo em sua santidade (Sl 27.4; 96.9), nos aperfeiçoa, nos concedendo maior sensibilidade para com a beleza expressa na Criação, nos feitos humanos e em nossas relações fraternas.

Calvino (1509-1564) entendia que a arte e as demais coisas que servem ao uso comum e conforto desta vida são dons de Deus. Logo devemos usá-las de forma legítima a fim de que o Senhor seja glorificado. Quanto mais o homem se aprofunda nas “artes liberais” e investiga a natureza, mais se aproxima “dos segredos da divina sabedoria” (CALVINO, 1985-1989, I.5.2). Ainda que as artes não tenham poder redentivo, e, a bem da verdade, não é este o seu propósito, elas, contribuem para temperar a nossa vida com mais encanto e beleza, quer pelo que reproduz (o seu tema), quer pela forma de fazê-lo (habilidade). A beleza da arte não está simplesmente em sua temática, mas, também, na qualidade daquilo que reproduz e reinventa a partir da natureza que a alimenta. Analisemos alguns aspectos disso:

1. BOA QUALIDADE COM UMA COSMOVISÃO INADEQUADA

Devemos tomar cuidado para que não confundamos a cosmovisão do artista expressa em sua arte com a qualidade

com que ele a retrata. Posso apreciar com entusiasmo a qualidade de uma obra sem, necessariamente, concordar com a mensagem comunicada. Porque não concordo com a cosmovisão do artista, nem por isso a sua obra se torna simplesmente em algo de baixa qualidade.

Horton emprega figuras fortes, porém, ilustrativas. Depois de dizer que considera “obras-primas” trabalhos dos ateus J.P. Sartre (1905-1980), A. Camus (1913-1960) e Richard Wagner (1813-1883), ainda que não concordasse com a visão deles, arremata: “E Wagner, compositor favorito de Hitler e um devoto do niilismo ateu de Nietzsche que produziu o Holocausto, hoje é ouvido em auditório em Tel Aviv”. (HORTON, 1998, p. 107).

Contudo cabe aqui uma advertência. Não sejamos ingênuos. Uma obra que discordo da cosmovisão de seu autor, porém, foi bem elaborada, pode não contar com minha aprovação, simplesmente, porque considero que ele apelou com cores por demais exageradas e desnecessárias para enfatizar o seu ponto. Exemplifico: no intuito de retratar a beleza do amor entre um homem e uma mulher, o diretor pode

apelar para cenas de nudez e sexo; para descrever as práticas religiosas idólatras e a sua associação com a sensualidade, usar do mesmo expediente. Para falar de violência pode-se chegar a atos de extrema violência para impactar o seu público etc. De certa forma, o meio é a mensagem. Os meios revelam os meus fins. A minha cosmovisão pode ser vista, por vezes, no meu objetivo não declarado, ainda que revelado. Vejam se não é isso que acontece em muitos de nossos comerciais, programas de humor, ou até mesmo em um quadro de determinado programa que ajuda a mulheres, escolhidas aleatoriamente nas praias, a se “vestir” melhor com roupas de banho, “valorizando” o seu tipo físico. Creio que tudo que existe é digno de ser estudado, todavia, nem tudo que existe precisa ser retratado com a mesma ênfase e com detalhes desnecessários.

2. BOA COSMOVISÃO COM BAIXA QUALIDADE

De igual modo, posso apreciar o tema e a mensagem de uma obra, reconhecendo, contudo, a baixa qualidade do que foi produzido. Em outras palavras: porque algo foi feito supostamente para Deus, um dueto, por exemplo, não o torna

agradável ouvi-lo. Por eu ser um cristão sincero e desejar glorificar a Deus com minha arte, não torna a qualidade de minha obra, boa.

Não podemos confundir as coisas sem incorrer em falta grave. Isto me faz lembrar uma brincadeira muito comum entre familiares e amigos: achamos linda uma camisa ou um sapato na vitrine até que vejamos com alguma dificuldade na etiqueta meio escondida, o preço exorbitante (no fundo já desconfiávamos. Em geral produtos baratos ou em “promoção” são os que têm seus preços expostos). Os produtos passam imediatamente por uma transformação metafísica: “são muito feios”, declaramos com um misto de ironia e frustração.

Algo que pode contribuir para a baixa qualidade do que fazemos é a pressa em pegarmos tendências e modismos, sem nos darmos conta de sua consistência e, portanto, durabilidade. Dificilmente uma arte apressada poderá durar. Tudo que fazemos é transitório, sabemos. Contudo isso não significa que seja descartável. A nossa obra deve primar por consistência de propósito (glorificar a Deus) e de composição (qualidade), não por modismos circunstanciais. O que é, é. A excelência no que

fazemos deve caracterizar a nossa produção, ainda que nossos contemporâneos não reconheçam necessariamente a qualidade do que produzimos. (Veja-se: GAEBELEIN, 1986, p. 100-101).

3. COSMOVISÃO E AVALIAÇÃO

A avaliação cristã de todas as coisas deverá ser crítica e construtiva. Como sabemos, a cosmovisão do artista, por mais apaixonante e intensa que seja, não é neutra, e, conseqüentemente, a sua obra também não é. Portanto, ela não pode estar acima de uma avaliação. A crítica visa, entre outras coisas, o refinamento da arte e, em nosso caso, discernir a mensagem proposta dentro de um referencial, mas que emane das Escrituras.

A obra do artista não é simplesmente produto de seu gênio autônomo, tão desejado, porém, inexistente. Aliás, inclino-me a crer que o seu gênio é profundamente modelado pelo “clima” ou “atmosfera” de sua época, pelas cores com as quais a realidade é pintada e os acordes que dão o tom aos valores hodiernos, ainda que isso não determine uma única forma de apreensão e expressão, como sublinha Wöfflin (2006,

p. 331ss.). O artista, como todos nós, não pode ser separado da história e da sua história.

Como cremos que podemos conhecer a verdade – ainda que não exaustivamente – nenhuma cosmovisão está acima de uma avaliação bíblica. Os bereanos se constituem em exemplo de uma avaliação criteriosa do que ouviram primariamente com atenção e interesse, independentemente de quem lhes ensinava, conforme narra Lucas: “Ora, estes de Beréia eram mais nobres que os de Tessalônica; pois receberam a palavra com toda a avidez, examinando (a) (ἀνακρίνω) (“fazer uma pesquisa cuidadosa”, um “exame criterioso”, “inquirir”) as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram, de fato, assim” (At 17.11).

O nosso desejo de servir a Deus não nos deve tornar presas fáceis de qualquer ensinamento ou doutrina. Precisamos cientificar-nos se aquilo que é-nos transmitido procede ou não de Deus. Para este exame, temos as Escrituras Sagradas como fonte de todo conhecimento revelado a respeito de Deus e do que ele deseja de nós. O não investigar (Sl 10.4) é um mal em si mesmo. Um bom princípio é examinar o que se nos apresenta

como realidade dentro de suas multifárias percepções, não nos deixando seduzir e guiar por nossas inclinações ou pelas tendências massificantes.

Em geral, quando nos faltam critérios objetivos apelamos para o gosto como critério definitivo e solitário. Assim, somos conduzidos simplesmente por princípios que nos agradam sem verificar a sua veracidade. O fim disso pode ser trágico. Assim sendo, por mais auto eloquentes que possam se configurar aspectos da chamada realidade, precisamos examiná-los antes de os tomarmos como pressupostos para a aceitação de outras declarações também reivindicatórias. Quando nos omitimos deste exame, deste juízo crítico, sem percebermos, estamos contribuindo para que os ensinamentos hoje aceitos inconsistentemente, amanhã se tornem pressupostos que determinarão as nossas escolhas e avaliações.

As hipóteses de hoje poderão se tornar nas teorias de amanhã e as futuras leis do pensamento e da moral. Neste caso, já estarão acima de qualquer suspeita e discussão: tornaram-se verdade. A ciência é, com frequência, um refinamento das observações cotidianas.

Como escreveu Pearcey: “A questão importante é o que aceitamos como premissas básicas, pois são elas que moldam tudo o que vem depois” (2006, p. 44). Há o perigo de, sem nos darmos conta, formar a nossa cosmovisão baseados em um mosaico de peças promíscuas, contraditórias e excludentes.

O homem não é a medida de todas as coisas como queria Protágoras (c. 480-410 a.C.) e os Renascentistas ao revisitarem a sua frase. No entanto, isto não significa a admissão de falta de um referencial, antes, na afirmação de que Jesus Cristo é a medida, o cânon da verdade e, portanto, de toda avaliação que fizermos da realidade que nos circunda.

Os bereanos tinham um padrão de verdade. Eles criam na sua existência e acessibilidade. Examinaram o que Paulo dizia à luz das Escrituras, ou seja: o Antigo Testamento. Se não tivermos um referencial teórico claro, como poderemos analisar de modo coerente a realidade? Sem referências, tudo é possível dentro de um quadro interpretativo forjado conforme as circunstâncias e meus interesses. Todo absoluto envolve antíteses.

Talvez, mesmo para nós cristãos, esteja faltando hoje, ainda que não de hoje, um pensamento cristão, uma mente cativa a Cristo que nos propicie o desenvolvimento de uma cosmovisão cristã.

Rookmaaker (1922-1977), em sua obra inacabada, é bastante enfático:

Hoje, se estudarmos os grandes artistas e seus feitos, não conseguiremos identificar qual era a força propulsora de sua vida, no que eles criam, o que defendiam. Essas coisas, vistas como subjetivas, são deixadas de fora. Temos a impressão de que esses grandes nomes do passado eram capazes de produzir suas obras de arte a partir de sua própria genialidade e ideias, e que a religião tinha pouco a ver com isso. Precisamos nos atentar para esse fato para não cairmos nessa perversão inerente, pois ela é fundamentalmente uma inverdade. Os estudiosos modernos, os historiadores, os historiadores da arte e os filósofos (assim como os artistas), fazem muito mais do que apenas seguir as tendências. Eles operam a partir de uma perspectiva básica da vida e da realidade. Essa perspectiva geralmente se configura como uma religião irreligiosa. (2010, p. 16-17).

Sendo olhada pelo ângulo correto e abrangente, a arte descreve a nossa situação de pecado e miséria, contudo deve retratar também a nossa nova humanidade, redimida por

Cristo. Aqui não há nenhum idealismo, antes, um realismo bíblico: somos chamados como sal da terra e luz do mundo, a apresentar a perspectiva abrangente da realidade bíblica. Assim, ela nos conduz a glorificar a Deus, o Senhor de toda Criação e, também da sua Recriação.

O artista sem a cosmovisão cristã tenderá a cair em um destes dois aspectos verdadeiros, porém, reducionistas: pessimismo niilista ou otimismo romântico sem um fundamento sólido.

Somente o cristão com uma cosmovisão bíblica consistente pode, de fato, retratar ambos os aspectos da realidade: pecado e restauração; separação e reconciliação, morte e ressurreição em Cristo Jesus, o Deus encarnado. Somente em Cristo, podemos ter uma visão objetiva da beleza da realidade proveniente de Deus.

Kuyper (1837-1920) pontua:

O mundo dos sons, o mundo das formas, o mundo das cores e o mundo das ideias poéticas não pode ter outra fonte senão Deus; e é nosso privilégio, como portadores de sua imagem, ter uma percepção deste mundo belo, para reproduzir artisticamente, para gozá-lo humanamente. (2002, p. 164).

Dentro dessa perspectiva, o artista tenta reproduzir a sua percepção da natureza, por mais crua que ela seja, ou a sua visão de como deveria ser. Ele molda a natureza e ela o educa de forma retroativa, gradativa e cativante. A natureza criada por Deus pode e deve ser valorizada a despeito do pecado e de sua mancha sobre toda a Criação. Ela continua sendo uma manifestação da majestade e bondade de Deus.

Na visão de Calvino, a arte deve ser vista como proveniente de Deus que nos adornou com esses dons. Por isso mesmo, ela deve ter um uso legítimo. A arte não tem um fim em si mesma, antes, está a serviço do homem com o fim de conduzi-lo a Deus. Assim, a revelação de Deus é o elemento aferidor da natureza e do propósito da arte.

Portanto, a arte, ainda que tratando de coisas materiais, com objetivos não especificamente transcendentais, é sempre missionária, ainda que não no sentido redentivo, mas, no sentido de que mesmo objetivando trazer frescor, descontração e estímulo, refletirá sempre uma referência maior, valores

transcendentes que referendam até mesmo o meu lazer e as coisas aparentemente banais de meu cotidiano.

Bavinck (1854-1921) escreve de modo magistral, mostrando que a arte provém de Deus, tendo também um sentido confortador:

A arte também é um dom de Deus. Como o Senhor não é apenas verdade e santidade, mas também glória, e expande a beleza de Seu nome sobre todas as Suas obras, então é Ele, também, que, pelo Seu Espírito, equipa os artistas com sabedoria e entendimento e conhecimento em todo tipo de trabalhos manuais (Êx 31.3; 35.31). A arte é, portanto, em primeiro lugar, uma evidência da habilidade humana para criar. Essa habilidade é de caráter espiritual, e dá expressão aos seus profundos anseios, aos seus altos ideais, ao seu insaciável anseio pela harmonia. Além disso, a arte em todas as suas obras e formas projeta um mundo ideal diante de nós, no qual as discórdias de nossa existência na terra são substituídas por uma gratificante harmonia. Desta forma a beleza revela o que neste mundo caído tem sido obscurecido à sabedoria, mas está descoberto aos olhos do artista. E por pintar diante de nós um quadro de uma outra e mais elevada realidade, a arte é um conforto para nossa vida, e levanta nossa alma da consternação, e enche nosso coração de esperança e alegria. (2001, p. 21-22).

Contudo, continua ele. A arte, como não poderia deixar de ser, tem seus limites. Isto deve ser observado com atenção:

Mas apesar de tudo o que a arte pode realizar, é apenas na imaginação que nós podemos desfrutar da beleza que ela revela. A arte não pode fechar o abismo que existe entre o ideal e o real. Ela não pode transformar o além de sua visão no aqui de nosso mundo presente. Ela nos mostra a glória de Canaã à distância, mas não nos introduz nesse país nem nos faz cidadãos dele. A arte é muito, mas não é tudo.(...) A arte não pode perdoar pecados. Ela não pode nos limpar de nossa sujeira. E ela não é capaz de enxugar nossas lágrimas nos fracassos da vida. (2001, p. 22).

As declarações de Bavinck revelam a sua cosmovisão cristã. Devemos então entender que a chamada “arte cristã”, não deve ser caracterizada pelo seu tema (assuntos bíblicos, os quais, obviamente têm a sua relevância própria ou temas considerados religiosos). Temas bíblicos podem e de fato foram desenvolvidos artisticamente por incrédulos retratando na realidade uma oposição à fé cristã. Positivamente falando, a “arte cristã” deve ser avaliada pela sua qualidade e pelo seu propósito tendo em vista o caráter cristão.

Tomando as palavras de Rookmaaker, “O que é cristão na arte não está no tema, mas no espírito dela, em sua sabedoria e na compreensão da realidade que ela reflete” (2015, p. 242). Não existe escola que ensine “arte cristã”. Podemos quem sabe estudar em uma escola de arte, porém, não de arte cristã, como se esta fosse um tipo de arte. O artista cristão revelará naturalmente em sua arte a sua fé.

Nem toda arte que tem como tema assuntos bíblicos é arte cristã. Por exemplo, pelo fato de eu elaborar uma música com tema “evangélico” ou reproduzir na tela uma cena bíblica, não quer dizer que o meu produto seja necessariamente “arte cristã”. Na realidade posso apenas ter descoberto que ela é uma boa fatia do mercado onde devo aplicar o que julgo ser o meu talento e vocação. Ou, reproduzir tais temas dentro de uma cosmovisão totalmente secular – onde Deus existe, contudo em nada influência – que me domina ainda que não tenha percebido isso.

Por outro lado, podemos ter um escritor cristão que resolva escrever uma obra de ficção, filosofia, educação ou de administração de empresas e, o faz com competência, com

amplo referencial cristão, tendo como meta glorificar a Deus reconhecendo a sua graça em sua vida e produção. Esta obra seria uma “arte cristã”. Nesse caso particular, as obras pedagógicas de Comênio (1582-1670), os diversos livros do não somente poeta, T.S. Eliot (1888-1965), e as diversos obras de ficção de C.S. Lewis (1898-1963) devem ser consideradas como ilustrativos desse princípio.

A arte cristã, se é que podemos falar assim, deve ser avaliada a partir de sua cosmovisão, qualidade e propósito. A arte cristã só é possível a partir de um cristão. Devemos pedir a Deus que nos dê discernimento para que neste mundo caído, possamos refletir em nossas obras, a obra de Deus em nós. Deste modo, seria mais razoável dizer ao artista cristão que não faça “arte cristã”, mas que seja um artista aplicado, coerente com a sua fé. Em síntese: seja um cristão artista.

Há sempre o perigo de nos apossarmos de todo um modelo secular, colocar um verniz cristão e não percebermos as incompatibilidades entre o conteúdo e a forma, nos esquecendo de que a forma também não é neutra. Há o risco evidente de o meio superar a mensagem. É preciso ter cautela para não

usarmos ferramentas onde estejam pressupostos conceitos não cristãos, nos tornando inocentes úteis de uma determinada cosmovisão. Tais ferramentas tendem a moldar o seu usuário.

São significativas as observações de Colson (1931-2012) e Pearcey:

O perigo é que a cultura popular cristã possa imitar a cultura em voga, mudando somente o conteúdo. (...) Estamos criando uma cultura genuinamente cristã, ou estamos simplesmente criando uma cultura paralela com uma aparência cristã? Estamos impondo um conteúdo cristão a uma forma já existente? A forma e o estilo sempre transmitem uma mensagem própria. (2006, p. 291).

Rookmaaker, especificando a música, comenta:

Falar de música cristã não significa necessariamente falar de uma música cuja letra transmita uma mensagem bíblica explícita ou expresse a experiência de uma vida de fé e obediência piedosa. A obediência não está restrita às questões de fé e ética. E aí entra a totalidade da vida. É a mentalidade, o estilo de vida, que recebe forma e expressão artística. (2010, p. 61).

Cosmovisão cristã não significa ter o mesmo senso estético ainda que o nosso propósito seja o de glorificar a Deus.

Conforme criados à imagem de Deus, temos inteligência e sensibilidade, contudo não somos uniformes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artista cristão é como um cristal que reflete a luz da revelação de forma diversificada. A nossa unidade não significa uniformidade. Deus cria do nada. Nós, do nada, nada criamos, contudo remodelamos as formas atribuindo sentido imaginativo e imitativo à Criação, fazendo o que é-nos próprio na condição de imagem.

O nosso trabalho encontra o seu modelo em Deus, aquele que o inspira pelo seu testemunho e ensino, colocando em nós o senso de beleza e o apelo estético: “9Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. (...) 11 porque, em seis dias, fez o SENHOR os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há” (Êx 20.9,11).

Assim, além de percepções variadas, há gostos e talentos diferentes, ainda que com o mesmo propósito último: “Num sentido podemos nos regozijar porque, nos artistas, divergências na recepção do testemunho do Santo Espírito

conduzem a formas diversas, apesar da analogia deste testemunho, e deve-se ver, na variedade destas orientações, uma viva riqueza de realizações” (MUSCULUS, 1938, p. 192).

Portanto, isso não significa que toda obra de arte, independentemente, de sua técnica e beleza, seja agradável a Deus. Como temos insistido, a arte em seu conjunto reflete a cosmovisão do artista. Ela deve ser avaliada a partir de uma cosmovisão bíblica. Por sua vez, “a arte cristã é a expressão da vida integral da pessoa toda que é cristã. Aquilo que o artista cristão retrata em sua arte é a totalidade da vida. A arte não deve ser apenas um veículo para um tipo de evangelismo autoconsciente” (SCHAEFFER, 2010, p. 74).

Como princípio geral para a nossa criação e avaliação, deve permanecer a instrução de Paulo aos filipenses, envolvendo o discernimento necessário em todas as coisas, exercitando a mente de Cristo que está sendo formada em nós: “Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se

algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento”
(Fp 4.8).

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

BAVINCK, Herman. **Dogmática Reformada**. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, 4v.

BAVINCK, Herman. **Teologia Sistemática**. Santa Bárbara d'Oeste, SP.: SOCEP., 2001.

CALVIN, John. **Calvin's Commentaries**. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House Company, 1996 (Reprinted), 22v.

CALVINO, João. **As Institutas da Religião Cristã**. Campinas, SP.; São Paulo, SP.: Luz para o Caminho; Cultura Cristã, 1985-1989, 4v.

CALVINO, João. **Exposição de 1 Coríntios**. São Paulo: Paracletos, 1996.

CALVINO, João. **Exposição de Hebreus**. São Paulo: Paracletos, 1997.

CALVINO, João. **O Livro dos Salmos**. São Paulo: Paracletos, 1999, v. 2.

CARPENTER, Eugene, hf[': In: VANGEMEREN, Willem A. (Org.). **Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do**

Antigo Testamento. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, v. 3, p. 544-550.

COLLINGWOOD, R.G. **Los Principios Del Arte**. México: Fondo de Cultura Econômica, © 1960, 3. reimpressão, 1993.

COLSON, Charles; PEARCEY, Nancy. **O Cristão na Cultura de Hoje**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2006.

FARHING, Stephen. **Tudo sobre Arte**. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

FEAGIN, Susan L. **Estética**: In: AUDI, Roberto (Dir.). **Dicionário de Filosofia de Cambridge**. São Paulo: Paulus, 2006.

FERGUSON, Sinclair B. **O Espírito Santo**. São Paulo: Editora Os Puritanos, 2000.

GAEBELEIN, Frank E. **What is Truth in Art?**: In: RYKEN, Leland, ed. **The Christian Imagination: Essays on Literature and the Arts**. 2. ed. Grand Rapids, MI.: Baker, 1986, p. 99-109.

GILSON, E. **Introdução às artes do Belo – O que é filosofar sobre a arte?** São Paulo: É Realizações, 2010.

GOMBRICH, E.H. **A História da Arte**. 16. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1999.

GOMBRICH, E.H. **Meditações sobre um Cavalinho de Pau e outros ensaios sobre a teoria da arte**. São Paulo: EDUSP., 1999a.

HORTON, Michael S. **O Cristianismo e a Cultura**. São Paulo: Cultura Cristã, 1998.

KUYPER, Abraham. **Calvinismo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

KUYPER, Abraham. **Sabedoria e prodígios: graça comum na ciência e na arte**. Brasília, DF.: Monergismo, 2018.

LALANDE, André. **Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LORAN, Erle. **Cézanne's Composition**. Berkeley: University of California Press, 1985.

MCCOMISKEY, Thomas E. 'Asâ: In: HARRIS, R. Laird, et. al., (Eds.). **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 1179-1181.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Edições Loyola, 2001, 4v.

MUNCH, Edvard. **Arte e Natureza**: In: CHIPPI, H.B. **Teorias da Arte Moderna**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999 (2. tiragem).

MUSCULUS, Paul Romane. **La Prière des Mains: L'Église Réformée et L'Art**. Pa-ri-s: Editions « Je Sers » 1938.

OSTROWER, Fayga. **A Grandeza Humana: cinco séculos, cinco gênios da arte**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

OSTROWER, Fayga. **Universos da Arte: edição comemorativa Fayga Ostrower**. 25. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

PANOFSKY, Erwin. **Significados nas Artes Visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

PEARCEY, Nancy. **Verdade Absoluta: libertando o cristianismo de seu cativeiro cultural**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2006.

RINGGREN, Helmer, hf[: In: BOTTERWECK, G. Johannes; RINGGREN, Helmer; FABRY, Heinz-Josef, (Eds.). *Theological Dictionary of the Old Testament*. Grand Rapids, MI.: Eerdmans, 2001, v. 11, p. 387-403.

ROOKMAAKER, H.R. **A Arte Moderna e a morte de uma cultura**. Viçosa, MG.: Ul-timato, 2015.

ROOKMAAKER, H.R. **A Arte não precisa de justificativa**. Viçosa, MG.: Editora Ul-timato, 2010.

SCHAEFFER, Francis A. **A Arte e a Bíblia**. Viçosa, MG.: Editora Ultimato, 2010.

STEINKRAUS, Warren E. **Philosophy of Art**. Beverly Hills: Benziger, 1974.

STIGERS, H.G. **Arte, Artes**: In: TENNEY, Merrill C. (Org. ger.). **Enciclopédia da Bíblia**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, v. 1, p. 509-522.

VEITH, JR., Gene E. **State of the arts: From Bezalel to Mapplethorpe**. Wheaton, Illinois: Crossway Books, 1991.

WAREN, Rick. **A batalha pela sua mente**. In: PIPER, John; MATHIS, David, (Orgs.). **Pensar – Amar – Fazer**. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 23-43.

WÖLFFLIN, Heinrich. **Conceitos Fundamentais da História da Arte**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, (2. tiragem) 2006.